Ambiente & Educação
Revista de Educação Ambiental

E-ISSN 2238-5533
Volume 25 | nº 2 | 2020
Artigo recebido em: 01/12/2019
Aprovado em: 05/05/2020

Hidelgard Susana Jung
Doutora em Educação pela Universidade La Salle - Campus Canoas (2018). Mestrado em Educação pela URI - Campus Frederico Westphalen (2015), Pós-Graduação em Psicopedagogia Institucional (2009), e Graduação em Normal Superior pela Faculdade de Tecnologia e Ciências (2007). Atualmente é docente e Coordenadora do curso de Pedagogia, professora e pesquisadora permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Unilasalle. Tem experiência na Educação Básica, Ensino Técnico e de Idiomas, com ênfase na formação docente.
ORCID ID: orcid.org/0000-0001-5871-3060

Patrícia Rodrigues de Almeida
Graduada em Pedagogia Habilitação em Educação Infantil pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2000). Pós graduação em Psicopedagogia Clinica pela Universidade do Sul de Santa Catarina (2003) e Pós graduação em Desenvolvimento Cognitivo pela Faculdade de Tecnologia SENAC em Florianópolis (2008). Atualmente é professor educação básica - PEB 1 - Secretaria Municipal de Educação - de Canoas e supervisora do PIBID.
ORCID ID: orcid.org/0000-0002-3292-8079

Charlene Bitencourt Soster Luz
Mestranda em Educação, Bolsista CNPq/PROSUD pela Universidade La Salle, Especialização em Formação Pedagógica de Professores pelas Escolas e Faculdades QI, Especialização em Finanças Empresariais pela Universidade Luterana do Brasil e Graduação em Logística.
ORCID ID: orcid.org/0000-0001-7164-0425

ACONTECE DE TUDO LÁ NO QUINTAL DA ESCOLA

Everything happens in the school yard

Resumo

O presente artigo relata a experiência de educadoras do 3° ano do ensino fundamental de uma escola da rede municipal localizada na região metropolitana de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. O objetivo consiste em narrar a experiência de um projeto que buscou rever as atuais práticas educativas agregando novos conceitos e promovendo uma educação mais sustentável e conectada com o meio ambiente. Como resultados, foi possível confirmar que aprendizagens significativas contribuem para uma infância com mais protagonismo e autonomia. As crianças conseguiram se conectar mais à natureza e às pessoas do seu entorno de convivência, contextualizando aquilo que aprenderam com a sua vida cotidiana, experimentando uma pedagogia do desemparedamento da infância.

Palavras-chave: Aprendizagem significativa. Infância ativa. Conexão com a natureza. Educação Básica.

Abstract

This article reports the experience of educators of the 3rd year of elementary school in a municipal school located in the metropolitan region of Porto Alegre, Rio Grande do Sul. The objective is to narrate the experience of a project that sought to review current practices, adding new concepts and promoting a more sustainable and environmentally connected education. As a result, it was possible to confirm that significant learning contributes to a childhood with more protagonism and autonomy. The children were able to connect more to nature and the people around them, contextualizing what they learned from their daily life, experiencing a pedagogy for breaking childhood barriers.

Keywords: Meaningful learning. Active childhood. Connection with nature. Basic Education.

Introdução

No início do ano letivo de 2018 os professores de uma escola municipal da região metropolitana de Porto Alegre iniciaram uma formação online sobre a educação na perspectiva da sustentabilidade. Os estudos dividiram-se em módulos que abordaram desde espécies e ecossistemas, economia local e consumismo, energia e tecnologia, água, até assuntos como gestão democrática, segurança alimentar e interação humana.

A ideia da formação consistiu em potencializar e fomentar projetos de incentivo ao protagonismo das crianças de seis a doze anos para que refletissem sobre a realidade local, promovendo ações práticas com a comunidade escolar e local para um comprometimento maior com a cultura de sustentabilidade, visando incentivar estilos de vida saudáveis e sustentáveis. Assim, por meio desta formação, surgiu o projeto no 3º ano do ensino fundamental “Acontece de tudo no quintal da escola”. A intenção consistiu em cativar os pais, os estudantes e a comunidade no incremento de uma proposta fundamentada no entendimento de uma criança ativa, potente, que produz cultura, que carece e tem a possibilidade de viver em contato diário com a natureza. Dessa maneira, ao observar os olhares curiosos pelas janelas da sala de aula e o que acontecia lá fora, começamos a refletir sobre o emparedamento destas crianças.

A partir deste cenário, iniciamos uma reflexão sobre a nossa prática pedagógica, buscando compreender por que fazemos sempre a mesma coisa ou ocupamos os mesmos espaços e territórios sem explorar o entorno da sala de aula e da escola. Para da seguinte pergunta disparadora (AMATUZZI, 1996): O que podemos aprender lá fora ou o que estamos perdendo ao não explorar o território do quintal da escola? Ao fazermos tal reflexão percebemos a importância de promover o contato das crianças com a natureza, articulando os conceitos à vida prática e cotidiana.

Neste processo de estudos e prática pedagógica buscamos inspiração na teoria de aprendizagem significativa de Ausubel (1982) na qual ele recomenda que se valorize os conhecimentos prévios das crianças e que estes conhecimentos sejam valorizados. A criança, desta forma, irá construir estruturas mentais usando, como meio, mapas mentais que lhe permitem fazer descobertas e observar outros conhecimentos, evidenciando neste processo uma aprendizagem que manifeste alegria, prazer, seja efetivo e gere competência. Ou seja, na teoria da aprendizagem significativa de Ausubel (1982) a história e conhecimento prévio da criança precisa ser levada em conta. Nesta proposição o professor tem um papel muito importante ao criar situações que aprimorem a aprendizagem. De acordo com este autor, existem duas condições para que a aprendizagem significativa ocorra: o conteúdo a ser ensinado às crianças deve ser potencialmente significativo e é essencial que ela esteja disposta a fazer relações com o material de maneira consistente e não arbitrária.

Para Ausubel (1982), aprender significativamente é ampliar uma rede de conhecimentos previamente existentes na estrutura mental das crianças e fazer com que seja possível fazer correlações e conectar novas fontes de informações e conteúdos. Complementando com o que relata Moreira (2011 apud Andrade e Sartori 2018, p.180):

> Como a aprendizagem significativa é progressivamente construída e interiorizada, para que ela se desenvolva e forme memórias duradouras (em uma perspectiva formativa para toda a vida) faz-se necessário trabalhar o conhecimento articulando o desenvolvimento progressivo de competências. Todas as crianças nascem com grande potencial para aprender, construir conhecimentos e desenvolver competências. No entanto, esse potencial depende fortemente dos contextos de vida e de aprendizagem para tornarem-se habilidades e reais capacidades, seja na criança, no jovem ou no adulto.

Sendo assim, quanto mais experiências significativas às quais as crianças estiverem expostas, maiores serão as possibilidades de relacionar a sua vida e cotidiano, promovendo novas habilidades de aprendizagem. Da mesma forma, se o conteúdo não tem relação com a vida da criança, a aprendizagem se torna, como diz o autor, puramente mecânica, ou seja, não faz conexões com os conceitos que possuem relevância na vida e estrutura cognitiva da criança. Quando os novos conceitos e informações não interagem com aquilo que nós já conhecemos, acontece a decoreba de conceitos que após avaliações são facilmente esquecidos. Dito em outras palavras, as crianças aprendem quando os conteúdos e assuntos apresentados têm relação afetiva com a sua vida e conhecimentos prévios ligados à sua estrutura cognitiva. Aprendemos conteúdos que fazem sentido para seguirmos a nossa vida, o significado da aprendizagem, assim como a vida, é diferente para cada um.

Neste contexto, a família tem papel fundamental e é uma grande parceira tanto para a aprendizagem significativa quanto para as novas conexões e mapas mentais que as crianças irão desenvolver ao longo do processo de ensino e aprendizagem. Por este motivo, o projeto desenvolvido trouxe para as pesquisadoras o entendimento de que seria extremamente importante brincar, explorar e vivenciar as potências do ambiente do quintal da escola. Há uma crença no ritual de passagem para o Ensino Fundamental que faz com que haja um afastamento das metodologias lúdicas no ensino aprendizagem desta faixa etária. Citamos aqui o autor Vygotsky (1998) e suas contribuições relacionadas à Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) quando diz que a criança aprende na sua mediação com o mundo que a rodeia. Sendo assim, a família e a escola são fontes de mediação através das quais as crianças podem imitar ações e tarefas, compartilhar brincadeiras simbólicas e imaginárias de maneira significativa. Neste cenário, ocorre a aproximação aos conhecimentos prévios sociais, emocionais e culturais dos indivíduos envolvidos, fazendo novas conexões de aprendizagem e mapas mentais, ampliando o repertório de mundo e estrutura cognitiva de todos os envolvidos.

Dito isso, o objetivo do artigo consiste em narrar a experiência de um projeto que buscou rever as atuais práticas educativas agregando novos

conceitos e promovendo uma educação mais sustentável e conectiva com o meio ambiente. A metodologia da pesquisa foi um estudo de caso de cunho qualitativo, no qual coletamos dados a partir de vivências observadas no cotidiano das crianças na escola que explicassem os fenômenos explicitados no cenário deste projeto.

Com relação à arquitetura do texto, após esta introdução apresentamos a metodologia da pesquisa, seguida da fundamentação teórica, que se entrelaça ao relato de experiência propriamente dito, o qual passou a ser examinado à luz da teoria. Fecham o estudo nossas considerações finais e as referências que embasaram o trabalho.

Metodologia

A metodologia, de abordagem qualitativa, encaixa-se no tipo de um estudo de caso, Segundo Yin (2015), o estudo de caso define pesquisas que investigam fenômenos contemporâneos em contextos da vida real. De acordo com o autor, esta metodologia se indica quando é possível realizar observações diretas. No mesmo sentido, André (1984, p. 54) explica que o estudo de caso, além de retratar a realidade, "pretende revelar a multiplicidade de dimensões presentes numa dada situação, focalizando-a como um todo, mas sem deixar de enfatizar os detalhes" da unidade de análise. Para Yin (2015: 247), a unidade de análise é "o caso em um estudo de caso". Neste estudo, a unidade de análise consiste na escola da rede pública de um município da região metropolitana de Porto Alegre, na qual foi desenvolvido o projeto "Acontece lá no quintal da escola".

Os dados foram coletados por meio de observação e registro no diário de campo das autoras. Além disso, outras fontes de dados foram artigos e livros relacionados à temática. Dessa forma, os passos do estudo seguiram as orientações de Gil (2008: 133), o qual recomenda que a pesquisa qualitativa siga "uma sequência de atividades, que envolve a redução dos dados, a categorização desses dados, sua interpretação e a redação do relatório". Assim, seguindo as orientações do autor citado, a primeira etapa consistiu em realizar uma busca por material relacionado à temática, momento em que também foi definido o escopo da pesquisa. Na segunda fase iniciamos a

observação e a categorização do material teórico. A fase da interpretação foi o momento de transcender a simples descrição, buscando acrescentar novos questionamentos, os quais poderão servir, inclusive, para estudos futuros. A quarta e última fase é a de elaboração do relatório, ou seja, a redação do texto. Nesta parte da pesquisa, não podemos perder de vista, segundo Gil (2008: 135), quatro elementos fundamentais, que são "a clareza, a concisão, a precisão e a objetividade". Esta etapa de escrita e de inferências ocorreu utilizando-se o recurso Google documentos, por meio do qual a escrita pôde ocorrer de forma coletiva e, inclusive, simultânea.

Abandonando velhas rotinas

No início daquele ano as pesquisadoras entenderam a importância de abandonar as velhas rotinas, criando outras que dialogassem com a curiosidade natural daquele grupo de crianças do 3º ano do ensino fundamental. Neste sentido concordamos com Gadotti (2005, p.15) quando diz: "precisamos de um novo paradigma que tenha a Terra como fundamento". Então, quando víamos aqueles olhos curiosos olharem através das janelas das salas de aula para o quintal, pudemos comparar com as nossas infâncias tão ricas em espaços naturais e vivências na rua. Logo pensamos no emparedamento das crianças em salas de aula e espaços fechados e isoladas do que acontece lá fora. Gadotti (2005, p. 16) alerta que "vivemos o ciberespaço da formação continuada. As novas tecnologias da informação e da comunicação marcaram todo o século XX". Este é um cenário onde as crianças do mundo moderno vivem e aprendem como pássaros engaiolados e sem liberdade de conexão e exploração com o mundo lá fora e a natureza.

Há algum tempo, o foco da educação estava nos conhecimentos acadêmicos com o objetivo de ingressar no mercado de trabalho. Ainda é o paradigma vigente, mas esta ideia está se modificando. Neste sentido complementa Gordon (2017, p.47): "acredito que aprendemos por meio das relações durante toda a vida, mas o aprendizado nas escolas, muitas vezes, é solitário, competitivo, ou por meio de telas". A escola tradicional prima por resultados acadêmicos visando o mercado futuro de trabalho mas não se afeta com as questões de empatia e solidariedade, por exemplo, que realmente irão

impactar na relação de convivência com as pessoas e com o mundo globalizado para o qual estão se formando. Estas questões filosóficas não podem ser mensuradas a curto prazo ou sequer são valorizadas enquanto formação acadêmica. Neste sentido, Morin (2011, p. 43) nos coloca que ensinar a condição humana é algo que precisamos considerar urgentemente nos ambientes de aprendizagem quando diz:

> A educação do futuro deverá ser o ensino primeiro e universal, centrado na condição humana. Estamos na era planetária; uma aventura comum conduz os seres humanos, onde quer que se encontrem. Estes devem reconhecer-se em sua humanidade comum e, ao mesmo tempo, reconhecer a diversidade cultural inerente a tudo o que é humano. Conhecer o humano é, antes de tudo, situá-lo no universo, e não separá-lo dele. Interrogar nossa condição humana implica questionar primeiro nossa posição no mundo.

A importância de modificar as práticas daquilo que fazemos diariamente, constantemente, de forma sistematizada, precisa levar em consideração a complexidade dos organismos vivos, os movimentos coletivos e os novos modelos de liderança que vislumbram um futuro bastante próximo. Desta forma concordamos com Gadotti (2005, p. 16) quando esclarece que:

> Uma cultura da sustentabilidade é, também, por isso, uma cultura da planetaridade, isto é, uma cultura que parte do princípio que a Terra é constituída por uma só comunidade de humanos, os terráqueos, e que são cidadãos de uma única nação.

Com estas questões ebulindo em nossos pensamentos, citamos Nogaro, Jung e Conte (2018, p. 749), cujos autores creem que "é necessário buscar um novo lugar para pensar sobre a infância e escrever acerca dela nos espaços educacionais". Outro contraponto para abandonarmos as velhas rotinas criando oportunidades para novas práticas e a quebra de paradigmas dentro da própria sala de aula. O que nos impede de ir lá pra fora? É somente na sala de aula que se aprende? O que temos para aprender lá fora? Entendemos que precisamos ofertar às novas gerações mais conexão com os ambientes externos, mais contato com a natureza, mais protagonismo das crianças diante das aprendizagens e vivências, mais encontros com a comunidade do entorno da escola. Neste sentido, Bassi (2017, p. 58) esclarece que:

> A oportunidade estratégica para isso é, mais uma vez, apostar no papel central que a educação tem de mudar esse quadro ao promover um novo paradigma, uma nova visão de educação e de sociedade, de modo que cada um de nós possa realizar plenamente sua potência de agir. Se não o fizermos, estaremos acentuando ainda mais as desigualdades sociais e a injustiça, pois, como esta mudança

> não tem volta, em poucos anos, as novas demandas geradas a partir desse novo paradigma vão ser atendidas apenas para aqueles com mais poder econômico e oportunidades para tal. Assim como é inadmissível e inquestionável a injustiça de uma criança não ser plenamente alfabetizada na escola, também devemos, igualmente, nos indignar se, além disso, essa criança não tiver as mesmas oportunidades de cultivar as habilidades e competências necessárias para que cresça para ser um sujeito de transformação.

A família e a escola tem papel fundamental nesta mudança de paradigma, pois sabemos que na infância contemporânea é cada vez mais comum o acesso aos bens de consumo e tecnologia em detrimento experiências mais significativas onde possam estar em contato com o ambiente natural. Concordamos com os autores Nogaro, Jung e Conte (2018, p. 762) quando relatam que:

> Os pais e a escola vão perdendo aquela autoridade que se sustentava no domínio de um saber que hoje se encontra em outras plataformas que podem ser acessadas pela criança sem o auxílio de adultos. Este saber produz subjetividades, novos comportamentos e novos jeitos de ser que conflitam com o pensamento do adulto formado em outro paradigma.

Pensando nesta infância ativa e pertencente a uma sociedade contemporânea que restringe as experiências da infância junto à natureza podemos afirmar que faz-se necessário que sejamos, pais e educadores, articuladores e mediadores dos significados que emergem dos conhecimentos produzidos no cotidiano escolar. Precisamos refletir as palavras dos autores Nogaro, Jung e Conte (2018, p. 762): “O campo da educação não tem ficado imune das razões políticas, históricas, sociais e culturais, o que nos leva a afirmar que os contextos educacionais estão cada vez mais vinculados ao discurso econômico da eficiência, da competitividade, da intensificação do mundo do trabalho e da hiperaceleração da vida cotidiana”. Nesta lógica compreendemos que lá fora, no quintal, há aprendizagens importantes para o referido grupo de crianças e suas famílias. Uma infância ativa requer espaços para o protagonismo e descobertas junto à natureza.

A desconexão com a natureza

No decorrer daquela semana, observando os olhares para o quintal, percebemos que para compreender os anseios das crianças daquele 3° ano, precisávamos lembrar de como foi a nossa infância. Não faz muito tempo havia

uma geração que brincava em praças, na rua, nos quintais alheios, nos jardins de espaços públicos. Segundo Louv (2016, p. 23) “A relação se inverteu. Hoje as crianças têm noção das ameaças globais do meio ambiente, mas seu contato físico, sua intimidade com a natureza, está diminuindo”. Exatamente o oposto do que nós pesquisadores vivenciamos quando éramos criança. O avanço da tecnologia, o aumento populacional das cidades, a insegurança nas ruas, a redução de espaços livres e de brincadeiras, a arquitetura dos prédios cada vez mais verticais, o medo e a insegurança de circulação das crianças em ambientes externos. Tudo isto impacta na falta de conexão com outros seres humanos e a natureza.

Segundo Fleury (2018, p. 10) “A criança está cada vez mais emparedada e institucionalizada, e de que falta tempo e liberdade para interagir com espaços mais amplos e com a natureza”. Compreendemos que há uma ideia engessada e uma ruptura de que a criança do ensino fundamental deve ter seus tempos de brincadeira e ao ar livre reduzidos em detrimento da sistematização dos conteúdos a serem apreendidos em sala de aula. Neste sentido, a autora argumenta que “na natureza, a criança brinca através da inteligência de seu corpo e está potente. Ao mesmo tempo, a natureza é ninho e refúgio para momentos de solitude e introspecção”. (FLEURY, 2018, p.10). Ou, seja, para aprender a criança necessita de tempos de ociosidade e contemplação. Estar lá fora no quintal, explorando um caminho de formigas ou deitada na grama olhando para o céu, significa que, apesar de não estar com lápis e caderno na mão, a criança constrói hipóteses sobre o entorno, o espaço e o mundo que a cerca.

Nestes momentos contemplativos e conectivos com a natureza a criança elabora conceitos e se integra como um ser vivo e pertencente ao ambiente. Suas relações com as outras pessoas e as espécies se tornam mais amorosas e significativas. Concordamos com Louv (2017, p. 24) quando diz que “nossa sociedade está ensinando os jovens a evitar as experiências diretas na natureza”. Precisamos repensar e rever as práticas pedagógicas, buscando incluir o humano à natureza, estabelecendo a cura, o descanso, o ócio, a criatividade, a potência, a humanidade, a pertença, a subjetividade e a

amorosidade. Para complementar usaremos a seguinte reflexão de Louv (2017, p. 29-30):

> A natureza oferece a cura para uma criança que vive em uma família ou uma vizinhança destrutiva. Ela funciona como um papel em branco em que a criança desenha e reinterpreta suas fantasias culturais. A natureza inspira a criatividade da criança, demanda a percepção e o amplo uso dos sentidos. Dada a oportunidade, a criança leva a confusão o mundo para a natureza, lava tudo no riacho e vira do avesso pra ver o que há do outro lado. A natureza também pode assustar, e até mesmo esse medo tem um propósito. Na natureza, a criança encontra liberdade, fantasia e privacidade - um lugar distante do mundo adulto, uma paz à parte.

Neste contexto compreendemos que fazemos parte da natureza. Por que então nos apegamos tanto aos espaços fechados, como as salas de aula, quando temos diferentes territórios de aprendizagem para explorar e vivenciar com as crianças? Compreender que a criança aprende pelo viés da afetividade e conexão com o meio ambiente que a cerca não reduz a importância dos conteúdos voltados para cada ano. Mas a aprendizagem será mais significativa se a criança tiver a oportunidade de vivenciar aquilo que aprende e aplicar ao seu cotidiano e vida real.

Lá no quintal da escola: *desemparedamento* da infância

O projeto "Acontece de tudo lá no quintal da escola" foi um grande desafio. Surgiu da necessidade de *desemparedar* as crianças do espaço limitador da sala de aula e, com isto, criar novas perspectivas de aprendizagem, convívio, cooperação, inclusão e conexão com os espaços externos e a natureza. Nosso primeiro movimento foi levar as crianças para o quintal da escola para que pudessem explorar todos os seus espaços e possibilidades. Observamos que, num primeiro momento, elas corriam de um lado ao outro sem de fato brincar com algo ou alguém em específico. Após algum tempo, para nosso espanto, queriam retornar para a sala. Neste momento, nos remetemos ao termo usado pelo jornalista Richard Louv (2017, p. 32), autor do livro *A última criança na natureza* que criou o termo "transtorno do déficit de natureza" para descrever este fenômeno que afeta a atual infância. Diz ainda o autor:

> Muitas pessoas da minha geração se tornaram adultos assumindo que a presença da natureza estava garantida; nós presumíamos - quando pensávamos no assunto - que as gerações futuras também teriam contato com esse universo. Mas alguma coisa mudou. Agora

> vemos o surgimento, o do que passei a chamar de transtorno do déficit de natureza. Esse termo não representa, de forma nenhuma, um diagnóstico médico, mas oferece uma maneira de pensar sobre o problema - com foco nas crianças e em todos nós também.

Percebemos este déficit de natureza ao observarmos como as crianças brincavam lá fora no quintal. Compreendemos, também, que não bastava sair da sala e ir para o quintal brincar ao ar livre. Era imprescindível planejar de forma intencional estas idas e vindas das crianças, para que pudessem vivenciar o espaço com mais curiosidade, afeto, conectividade e integração com o meio ambiente e as pessoas. Como diz Gadotti (2003, p.48): "É no coletivo que se aprende".

Instigados por essas ideias iniciamos um movimento mais sistêmico envolvendo no decorrer do projeto a família, professores e pessoas da comunidade. Encaramos o desafio de elaborar novas formas de fazer as coisas que são cotidianas da escola sem cair na mesmice das aulas repetitivas e tradicionais, nas quais valorizamos mais os conteúdos do que as pessoas e seu potencial humano e criativo. Como afirmam Lovato e Franzim (2017, p. 12),

> [...] durante muitos séculos, o sucesso estava na eficiência em tarefas de repetição (pense em linhas de montagem, escritórios jurídicos). Uma pessoa aprendia uma habilidade (bancário, barbeiro) e ia trabalhar em um mundo emparedado, que permitia que ela repetisse essa habilidade pelo resto da vida.

Ao trazer o quintal da escola como ambiente potencializador da aprendizagem significativa, naturalmente estimulante e conectivo, as crianças tornaram-se mais ativas, curiosas com o entorno e filosóficas sobre a mãe natureza. Agiram em muitos momentos com protagonismo próprio da infância, demonstrando empatia e liderança, criando situações novas e significativas diante das situações de aprendizagem.

Lá no quintal da escola tem muitas árvores, de longos e grossos troncos, de grandes copas, nas quais se pode subir, ser livre e feliz, encontrar bichinhos e escutar os pássaros, se esconder, inventar brinquedos e brincadeiras. As árvores ensinam as crianças a serem crianças, inspiram ao ócio produtivo, criativo e a contemplação. Assim, pensando nas múltiplas possibilidades deste quintal cheio de árvores, fomos nos *desemparedar* e nos embrenhar no meio das árvores, nesse quintal de possibilidades da escola, na qual muitas

descobertas foram acontecendo. Neste sentido, a educadora Lea Tiriba (2018, p. 06) narra:

> Se brincar na natureza é um direito humano porque corresponde à necessidade de integridade do ser, esse direito se materializaria como acesso ao universo que está para além das paredes e dos muros escolares. Nessa ultrapassagem, a alegria é potencializada porque, para desemparedar, é preciso dialogar com as pessoas, com os movimentos sociais, com o patrimônio ambiental, elementos do entorno da escola e da cidade que, ao vivo, deixam de ser objeto de pesquisa em separado do pesquisador - paisagem investigativa abstrata - para se constituírem como espaço de vida cuja decifração exige não apenas a racionalidade, mas outras dimensões humanas.

É necessário elaborar novas formas de fazer as coisas que são cotidianas da escola sem cair na mesmice das aulas repetitivas e tradicionais, nas quais valorizamos mais os conteúdos do que as pessoas e seu potencial humano e criativo. Como afirmam Lovato e Franzim (2017, p. 12), "[...] durante muitos séculos, o sucesso estava na eficiência em tarefas de repetição (pense em linhas de montagem, escritórios jurídicos). Uma pessoa aprendia uma habilidade (bancário, barbeiro) e ia trabalhar em um mundo emparedado, que permitia que ela repetisse essa habilidade pelo resto da vida".

Ao trazer do quintal da escola um ambiente potencial e naturalmente criador e conectivo de novas formas de aprender e conviver, as crianças são protagonistas das suas descobertas de mundo e agentes transformadores de novas possibilidades de aprendizagem significativa e empática com as diferenças. O projeto buscou, portanto, *desemparedar* as crianças dos espaços limitados das salas de aula oferecendo opções externas e de contato com o mundo natural que se encontra potencializado no quintal da nossa escola, inspirada nas palavras de Lea Tiriba (2018, p. 23):

> É fundamental investir no propósito de desemparedar e conquistar os espaços que estão para além dos muros escolares, pois não apenas as salas de aula, mas todos os lugares são propícios às aprendizagens: terreiros, jardins, plantações, criações, riachos, praias, dunas, descampados; tudo que está no entorno, o bairro, a cidade, seus acidentes geográficos, pontos históricos e pitorescos, as montanhas, o mar... Além de se constituírem como espaços de brincar livremente e relaxar, esses lugares podem também ser explorados como ambiente de ouvir histórias, desenhar e pintar, espaços de aprendizagem em que se trabalha uma diversidade de conhecimentos.

Nesta perspectiva, acreditamos que será possível criar espaços alternativos mais significativos de aprendizagem onde as crianças poderão

sentir-se mais felizes, empáticas com os seres que a cercam, agindo e interagindo conectados ao mundo natural e, assim transformando o mundo em um lugar melhor de se viver. Dentro desta perspectiva, Tiriba (2018, p. 42) comenta que:

> Devemos ouvir o que as crianças têm a dizer sobre os espaços escolares e procurar incorporar seus desejos e suas percepções, qualificando-os e tornando-os melhores para elas e para os demais membros da comunidade escolar. Nesse caminho, os pátios e toda a escola podem ser espaços de alegria, que instigam a descoberta e a experimentação e propiciam a construção de conhecimentos e o desenvolvimento humano.

Dessa forma, entendemos por esta ação de *desemparedar*, uma escola voltada para o protagonismo infantil, ao potencial de agir das crianças. Esta escola terá maiores possibilidades de criar pessoas livres e transformadoras de seu mundo. No quadro 01 apresentamos alguns objetivos propostos no planejamento do projeto "Acontece de tudo no quintal da escola", como segue.

Fomentar atividades junto à natureza no quintal da escola
Valorizar, cada vez mais, o "desemparedar" da infância nos espaços da escola
Conectar as crianças aos espaços naturais que o ambiente do quintal possibilita
Reconhecer o ambiente externo, do lado de fora, do quintal e junto à natureza como rico de aprendizagens vivenciais e inclusivas
Estabelecer relações mais próximas entre os seres vivos que compõem os ambientes naturais
Perceber-se como um ser vivo e atuante no ambiente natural
Promover ações conectivas destes ambientes com as pessoas que nele vivem
Mexer na terra, brincar ao ar livre, subir em árvores... Estabelecendo conexões e memórias afetivas com o meio ambiente
Criar possibilidades de novas atividades *desemparedando* o próprio conhecimento
Brincar ao ar livre criando novas possibilidades de se relacionar e interagir com as pessoas
Valorizar a vida em suas diferentes formas
Valorizar as diferentes habilidades encontradas na natureza e, consequentemente no ambiente natural.

Quadro 1: ações do projeto "Acontece de tudo no quintal da escola"

Fonte: Elaborado pelas autoras, a partir de dados da pesquisa, 2019.

Como se pode perceber, as possibilidades de atividades e de desenvolvimento de competências são inúmeras.

A valorização do meio ambiente como ética da sobrevivência coletiva

O método de trabalho desenvolvido visa promover, valorizar e incentivar as pessoas a formarem uma rede de conexões mais eco sustentáveis nos ambientes internos e externos da escola. Partimos do microambiente (escola) para o macroambiente (comunidade) e vice-versa, gerando uma gama de conhecimento, valorização das habilidades pessoais e comunitárias. Além disso, foi possível pesquisar de maneira sistematizada e focada na natureza, abordando a sustentabilidade, e a preocupação com a vida em todas as suas etapas.

A turma de 3º ano que participou do projeto encontrou apoio na equipe das professoras que fizeram a formação. Contamos, também, com o apoio e disseminação dos projetos por outros professores, funcionários e gestores da escola. E, por fim, mas tão importante quanto, os pais e a comunidade da escola.

Os alunos envolvidos neste projeto, em específico, têm entre 8 e 9 anos. Vale ressaltar que, durante o projeto, outras crianças, de diferentes faixas etárias (de 6 a 15 anos), foram convidadas a participar em momentos pertinentes e apropriados. Além disso, o referido projeto aconteceu no período normal de aula, ou seja, no turno em que a criança está na escola. Esteve integrado às áreas do conhecimento de forma interligada e conectiva, tendo tanta importância quanto a sistemática dos trabalhos pedagógicos interdisciplinares.

Como atividades desenvolvidas, podemos citar algumas ações que constam no quadro 02, na sequência.

As crianças foram levadas para explorar o quintal da escola livremente, com a intenção de observação dos elementos naturais: árvores, flores, plantas, animais, pessoas que ali circulam
Proposição de diferentes atividades dentro e fora da sala de aula descontextualizando que somente a sala de aula seja um lugar de aprendizagem formal e sistematizada
Estimulação da brincadeira e do *desemparedar* das crianças como fontes de alegria, potencialidade criativa, protagonismo, empatia com as diferenças e trabalho em equipe: abraço nas árvores no quintal da escola
Atividades de recorte, colagem, desenho, pintura utilizando folhas e elementos da natureza, argila, além de arte com materiais recicláveis: papelão, lata, tampas de garrafa pet, etc. Pintura na lata para o plantio de sementes de flores
Confecção de cabanas com lençóis para uso interno (sala de aula) e externo (quintal da escola)
Exploração de caixa com toras de madeira para brincadeiras não estruturadas, além de caixa de brinquedos convencionais (panelinhas) para brincar na terra e com água, permitindo que as crianças se sujem
Subida em árvores e criar diferentes brincadeiras sem preocupação de não o poder fazer, usando elementos da natureza como brinquedos que estimulem a descoberta, criatividade e imaginação
Replantação e plantio de novas espécies no quintal da escola em parceria com a família e comunidade
Criação de um grupo de *WhatsApp* com pais para concretizar ações no decorrer do projeto, fomentando hábitos de pesquisa, observação, resolução de situações problemas, questionamento e protagonismo
Elaboração de placas para estimulação da preservação e utilização do quintal da escola
Promoção de rodas de conversa com as crianças para que novas ideias sejam implementadas
Confecção de um terrário, trazendo o ambiente do quintal para dentro da sala de aula como momento de pesquisa e observação, com posterior visita ao horto florestal que se localiza no bairro
Catalogação das árvores do quintal da escola com a ajuda de um biólogo da comunidade, estimulando o conhecimento através da pesquisa (conhecer os nomes de árvores, plantas e flores)
Revitalização dos espaços de brincadeiras junto com as crianças e comunidade e visita a uma fazenda auto sustentável, localizada em um município vizinho.

Quadro 2: Atividades desenvolvidas por meio do projeto

Fonte: Elaborado pelas autoras, a partir de dados da pesquisa, 2019.

Inseridos num mundo contemporâneo, movidos e motivados pela ideia de compreender a nossa existência além de muros e paredes da nossa escola,

pretendemos iniciar com pequenos passos, como o projeto ora narrado, para uma rede conectiva entre a escola e comunidade. O projeto se fortalece, favorecendo vínculos de solidariedade, valorizando habilidades, potencializando a pessoa e seu conhecimento de mundo, transmitindo e prezando valores culturais, resolvendo problemas com criatividade e respeitando o meio ambiente, valorizando a diversidade promovendo uma sociedade mais inclusiva, incentivando a liderança criativa, humanitária e transformadora.

No mundo contemporâneo faz-se necessário formar uma rede de conhecimento e protagonismo onde cada um se veja como um agente transformador da sua própria realidade, elevando assim o trabalho em equipe, tão necessário a uma escola do futuro. Concordamos com a educadora ambientalista Tibira (2018 p. 44), quando ela explica: “Acreditamos que há muito a ser feito no sentido de reconhecer esses espaços como lugares que favorecem diversos aprendizados e compreender o papel dos educadores no processo de desemparedamento de crianças, adolescentes e jovens. Nela, desde a infância mais tenra, é importante que possamos perceber um movimento cultural em que as pessoas se sintam inspiradas e inspiradoras para agir e se relacionar sobre o mundo com mais empatia, solidariedade, respeito à vida, à natureza e ao meio ambiente.

O projeto intitulado “Acontece de tudo lá no quintal da escola” estimulou pequenas e significativas mudanças no sentido de inspirar crianças e adultos a protagonizarem uma nova história para a nossa escola. Faz-se necessário relatar que há pouco tempo passamos por uma grande modificação nas estruturas de edificação da escola nas quais novos espaços foram criados. Também, alterou-se o material estrutural da escola que antes era de madeira e, agora, recebemos uma estrutura de cimento e metálica. Entendemos que uma proposta mais ecológica e sustentável humaniza as relações que se estabelecem neste ambiente, humanizando-o e potencializando-o.

Além disso, faz com que as pessoas sintam-se parte deste espaço, mas também capazes de modificar as estruturas ali estabelecidas. Intencionamos *desemparedar* estruturas que nos limitem quem somos enquanto comunidade ativa e transformadora. Tendo em vista que no entorno da escola temos um

bosque que chama à vida e ao protagonismo das crianças e adultos, não podemos deixar que paredes e muros nos impeçam de nos conectarmos com o meio ambiente e com as pessoas. Há uma potência na nossa escola que nos convida a mudar a mentalidade que temos sobre educação. As paredes de cimento não podem nos fechar em *caixinhas*, pois a natureza nos chama lá fora. Acreditamos, assim, que nesses movimentos fluidos e conectados à natureza podemos criar e protagonizar novas e inovadoras histórias para nossa jovem escola.

O presente projeto, ainda em vigência, está sendo submetido à avaliação da turma no decorrer do processo, sendo alterado e ampliado, conforme as necessidades, discussões e pesquisas do grupo. Isto acontece através de rodas de conversação, registro escrito e oral. Também são acolhidas as ideias e propostas da comunidade participante que agregam valor ao projeto. Os dados são colhidos através de entrevistas, rodas de conversações, debates, reuniões, enquetes, uso da tecnologia (*WhatsApp, Facebook* da escola), jornal do Bairro e do município, entre outros.

Avaliamos o projeto durante todo o processo com estabelecimento de metas a curto, médio e longo prazo para que o foco das ideias originais não se perca e para que as novas ideias possam ser integradas/conectadas ao trabalho pedagógico. As aprendizagens deste grupo são transmitidas por meio de registro gráfico e escrito, oralidade, palestras, exposições, e reunião com a comunidade escolar.

É importante ressaltar que o projeto acontece com um grupo, em específico, do 3°ano do ensino fundamental, mas ele embasa uma filosofia de um mundo melhor para os sujeitos que lá convivem e vivem, que não pode restringir-se a algumas pessoas. Temos um propósito, para isso o apoio dos demais docentes embasa toda a partilha, a troca de experiências, a valorização de habilidades da comunidade e tudo aquilo que uns podem ensinar aos outros enquanto uma cultura ativa, viva, amorosa e sustentável.

O quintal tem nos ensinado a agir de modo diferente diante do que nos impõe o tempo: é preciso ter tempo, reduzir o tempo, ir lá fora brincar, conversar, plantar uma flor, dar comida ao passarinho, catar coquinhos, seguir as formigas, catar grama, subir em árvores, ficar sem fazer absolutamente

nada, ver as nuvens passar, conversar com as pessoas e saber sobre a vida delas. Neste sentido Morin (2011, p. 66) nos ensina que:

> [...] é necessário aprender a "estar aqui" no planeta. Aprender a estar aqui significa: aprender a viver, a dividir, a comunicar, a comungar; é o que se aprende somente nas culturas singulares _ e por meio delas. Precisamos doravante aprender a ser, a viver, a dividir e a comunicar como humanos do planeta Terra, não mais somente pertencer a uma cultura, mas também ser terrenos. Devemos dedicar-nos não só a dominar, mas a condicionar, a melhorar, a compreender.

O projeto visa que as crianças sejam protagonistas, assim como os adultos envolvidos, de modo que as pessoas sintam-se autoras e modificadoras da sua própria história e sua própria rotina. Ao desemparedar o conhecimento será possível olhar para a riqueza que o outro nos traz e, desta forma, potencializar a sua essência como ser humano. Concordamos com Morin (2011, p. 68) quando diz:

> Estamos comprometidos, na escala da humanidade planetária, com a obra essencial da vida, que é resistir à morte. Civilizar e solidarizar a Terra, transformar a espécie humana em verdadeira humanidade torna-se o objetivo fundamental e global de toda a educação que aspira não apenas ao progresso, mas à sobrevida da humanidade. A consciência da nossa humanidade, nesta era planetária, deveria conduzir-nos à solidariedade e a comiseração recíproca, de indivíduo para indivíduo, de todos para todos. A educação do futuro deverá ensinar a ética da compreensão planetária.

Assim, percebemos que num ambiente natural todos têm funções e papéis importantes a cumprir e que ninguém é descartável sob o ponto de vista humano. Ninguém fica diferente. Apenas tem habilidades diferentes.

Considerações finais

"Acontece de tudo no quintal da escola!" e, neste final, acrescentamos uma exclamação. É para que nos recordemos que é possível modificar através de um ambiente micro o ambiente macro. Tudo pode mudar, transformar, morrer e crescer, mas tudo na natureza se refaz se houver cuidado. Assim são as pessoas e os ambientes. Ninguém que vive emparedado pode se sentir criativo e transformador. É lá no quintal que temos as novas e melhores inspirações.

O quintal da nossa escola mostrou ser um ambiente favorecedor de dinâmicas e vivências mais enriquecedoras, alegres, pró-ativas, inclusivas,

inovadoras e potentes para todos os grupos envolvidos. Ao explorar o espaço pudemos perceber que o quintal da escola oferece muitas possibilidades de ação, interação e cooperação com a natureza e com os parceiros de brincadeiras. Em contato com este espaço foi possível permitir que uma mudança nas habilidades criativas e cognitivas das crianças fosse percebida e valorizada em todo o seu potencial.

Na natureza, as coisas se transformam e são transformadas. Assim, também nós somos! Ir para o quintal e lá encontrar um mundo a ser explorado nos leva a novas descobertas sobre quem somos no mundo e qual nosso papel nele. Não nascemos *emparedados*. Somos *emparedados*! Há um quintal que nos chama à autonomia, à criatividade, ao prazer de viver e ser como se é, uma alegria que só os elementos naturais nos fazem transbordar. É neste lugar de nascimento que podemos crescer com humanidade e conectividade com o meio ambiente que nos cerca e nos envolve.

Referências

AUSUBEL, David Paul. **A aprendizagem significativa: a teoria de David Ausubel**. São Paulo: Moraes, 1992.

AMATUZZI, Mauro Martins. **Apontamentos acerca da pesquisa fenomenológica.** Estudos de psicologia, vol. 13, 5 - 10, 1996.

ANDRÉ, Marli. **Estudo de caso**: seu potencial na educação. Cadernos de pesquisa, v. 49, p. 51-54, 1984.

ANDRADE, Júlia Pinheiro, SARTORI, Juliana. In Lilian, Bacich; Moran, José (Orgs.) et al. **Metodologias ativas para uma educação inovadora**: uma abordagem teórico-prática. Porto Alegre: Penso, 2018.

BARROS, Maria Isabel Amando de (Org.) et al. **Desemparedamento da infância** – a escola como lugar de encontro com a natureza. 2 ed. Rio de Janeiro: Instituto Alana, 2018.

BASSI, Flavio. Protagonismo. In: Lovato, Antonio; Franzin, Raquel (Org.) et al. **O ser e o agir transformador para mudar a conversa sobre educação.** 1 ed. São Paulo: Instituto Alana: Ashoka Brasil, 2017.

FLEURY, Laís. Apresentação. Barros, Maria Isabel Amando de (Org.) et al. **Desemparedamento da infância** – a escola como lugar de encontro com a natureza. 2 ed. Rio de Janeiro: Instituto Alana, 2018.

GADOTTI, Moacir. **Boniteza de um sonho**: ensinar-e-aprender com sentido. Novo Hamburgo: Feevale, 2003.

GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da Terra e cultura da sustentabilidade.** Revista Lusófona de Educação, 2005, 6, 15-29.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2008.

GORDON, Mary. Empatia. In: Lovato, Antonio; Franzin, Raquel (Org.) et al. **O ser e o agir transformador para mudar a conversa sobre educação.** 1 ed. São Paulo: Instituto Alana: Ashoka Brasil, 2017.

LILIAN, Bacich; MORAN, José (Orgs.) et al. **Metodologias ativas para uma educação inovadora**: uma abordagem teórico-prática. Porto Alegre: Penso, 2018.

LOUV, Richard. **A última criança na natureza**: resgatando nossas crianças do transtorno do déficit de natureza. 1 ed. São Paulo: Aquariana, 2017.

LOVATO, Antônio; FRANZIN, Raquel (Org.) et al. **O ser e o agir transformador para mudar a conversa sobre educação.** 1 ed. São Paulo: Instituto Alana: Ashoka Brasil, 2017.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

NOGARO, Arnaldo; JUNG, Hildegard Susana; CONTE, Elaine. **Infância**: desaparecimento ou metamorfose? **Rev. HISTEDBR Online**, Campinas. v.18, n.3 [77], p.745-765, jul./set. 2018.

REGO, Teresa Cristina. **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural.** 5 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

YIN, Robert. **Estudo de Caso**: Planejamento e métodos. Porto Alegre: Bookman editora, 2015.